

CAPÍTULO 19 - A SANTIDADE DE DEUS

Este é o grande atributo moral de Deus. A palavra hebraica para "santo" é qadosh, que significa cortar, separar. Santo é aquilo que é "separado, retirado do uso comum". Nesse sentido, todas as coisas que foram usadas para um uso exclusivo são consideradas santas. Por exemplo:

- As vestes sacerdotais eram santas (Êx 28.2);
- O lugar específico para a preparação do sacrifício era santo (Êx 29.3 l);
- Os vasos usados no templo eram santos (1 Rs 8.4), etc.

Tudo o que era usado de um modo específico para Deus era considerado santo. Estes objetos e instrumentos não possuem qualquer conotação moral, nem a ideia de majestade de que falaremos adiante. Apenas Eles mostram que foram usados para um serviço especial, separados. Todavia, este mesmo raciocínio não pode ser dito de Deus. Deus é separado de uma forma diferente. Ele é separado de toda forma possível de existência criada, porque está além e sobre cada uma delas, e também por causa de Sua natureza majestosa. Ele é separado dos anjos, dos homens e, especialmente, dos pecadores (neste último caso, é uma separação moral). A palavra qadosh é uma das palavras mais importantes da religião do Antigo Testamento, e é aplicada a Deus. A mesma ideia é transportada para o Novo Testamento. Portanto, santidade não tem simplesmente a conotação de qualidade moral ou ética.

A. A NATUREZA DA SANTIDADE

A ideia de santidade é dupla nas Escrituras e é importante que façamos a devida distinção entre santidade majestosa e santidade moral em Deus:

1. A SANTIDADE MAJESTOSA DE DEUS

No Seu sentido original, Deus é santo porque Ele é totalmente distinto e separado das Suas criaturas, além de ser exaltado sobre elas por causa da Sua infinita majestade. Porque Deus é Deus, não é difícil para nós entendermos que Ele é separado das Suas criaturas por causa de Sua majestade. Neste sentido, a Sua santidade é singular. Ninguém pode ser santo como Ele porque ninguém pode ser separado, acima e além das criaturas.

Olhando desse prisma, a Sua santidade é, portanto, um atributo incomunicável.

Essa singularidade de Deus mesmo diante de outros deuses é afirmada nas Escrituras. Elas nos dizem que Deus é glorioso em santidade (Ex 15:11). A santidade de Deus está vinculada ao fato de Ele ser todo glorioso, infinitamente distante de nós na maneira em que Ele é:

- na nobreza e na perfeição da Sua natureza;
- na grandeza de todos os Seus atributos.

A santidade é praticamente um atributo que qualifica tudo o que Deus é. Deus é majestoso e glorioso na Sua santidade (Is 57.15).

Esta santidade é proclamada pelos seres celestiais diversas vezes nas Escrituras (Is 6.3; Ap 4.8). Nenhum dos atributos de Deus é cantado tão solene e majestosamente como este! Nenhum outro atributo é cantado e repetido três vezes!

Isto é assim porque Ele mostra a Sua grande e majestosa glória!

É este aspecto da santidade de Deus, que causa no homem o senso de pequenez, de que não é nada diante da majestade de Deus.

Neste sentido somente Deus é santo. Nenhum outro ser é santo como o Senhor. É a glória peculiar da Sua natureza. Assim como somente Deus é bom, assim somente Deus é santo (I Sm 2.2). Deus não somente é santo. Ele é santidade. Isto não pode ser dito dos homens e de nenhuma outra divindade criada pelos homens, mas somente de Deus.

2. A SANTIDADE MORAL DE DEUS

Num sentido derivado, podemos dizer que existe uma santidade moral em Deus, que o faz estabelecer leis santas para as Suas criaturas. É nesse sentido que a santidade moral de Deus é a causa que faz com que Ele seja absolutamente isento de deficiência ética.

As leis que nos são dadas refletem quem Ele é moralmente.

É neste sentido de santidade que vamos nos concentrar porque diz mais respeito a nós.

A ideia fundamental de santidade moral de Deus é também de separação, mas neste caso, é separação do mal moral, do pecado (Jó 34.1 O; Hc 1.13).

Deus é livre de qualquer contaminação moral. A santidade de Deus é também observada na maneira em que Ele exige santidade dos homens, feitos à Sua imagem e semelhança.

B. A IMPORTÂNCIA DA SANTIDADE DIVINA

A importância desse atributo é revelada pelas próprias Escrituras. Nenhum outro atributo é repetido pelas Escrituras três vezes, afirmando o que Deus é. Nunca é dito que Deus é justiça, justiça, justiça, ou que Ele seja amor, amor, amor. Elas dizem que Deus é "santo, santo, santo" e "que a terra está cheia da Sua glória".

É o único atributo enfatizado de maneira especial. Com esta observação não estamos sugerindo que a santidade seja mais importante que os outros atributos em Deus, mas que vários dos Seus atributos morais são qualificados e realçados por Sua santidade.

A importância da santidade está também no fato de que este atributo qualifica todos os outros. O amor de Deus é santo, a Sua justiça é santa, a Sua misericórdia é santa, etc.

Todos os outros atributos morais de Deus são qualificados por este.

A importância da santidade está no fato de Deus usá-la para garantir a veracidade da Sua palavra. Quando vai fazer qualquer juramento, Deus não tendo ninguém mais alto por quem jurar, jura por Sua própria santidade.

Salmos 89:34-36 - Não violarei a minha aliança, nem modificarei o que os meus lábios proferiram. Uma vez jurei por minha santidade (e serei eu falso a Davi): a Sua posteridade durará para sempre, e o Seu trono como sol perante mim.

Jamais Deus poderia falhar na Sua promessa de não deixar faltar sucessor ao trono de Davi. A Sua palavra foi empenhada de maneira muitíssimo séria. Era a honra do Seu nome que estava em jogo. Nunca Ele poderia desonrar-se ou negarse a si mesmo, falhando no cumprimento da promessa. É por causa da Sua santidade essencial que Ele não mente nem é falso no que diz. A garantia da força do Seu juramento está na Sua santidade.

Amós 4:2 Jurou o Senhor Deus pela Sua santidade, que dias estão para vir sobre vós. cm que vos levarão com anzóis e as vossas restantes com fisga de pesca.

Não somente em Suas doces promessas Ele faz juramento, mas também na expressão dos Seus juízos. Deus também não falha nos Seus juízos porque Ele é absolutamente santo e empenha a Sua palavra com juramento apoiado em Sua santidade.

A Sua santidade é a garantia do cumprimento de Sua promessa.

Todos os cristãos devem confiar na Palavra de Deus porque Ele é santo, Ele não pode mentir. A Sua santidade é a garantia da Sua fidelidade.

1. O PADRÃO DA SANTIDADE DIVINA

Não podemos definir o padrão de santidade em Deus como definimos a santidade dos seres humanos ou a dos seres celestiais. Ele não pode ser medido pela lei que criou para os seres humanos, para seres finitos, que estão sujeitos ao Seu governo moral.

Não existe um padrão de santidade moral de Deus fora dEle mesmo. Só podemos saber sobre os aspectos morais de Deus, pelo que Ele revela de si próprio. A natureza de Deus é O padrão de santidade. A única regra para a santidade divina é a Sua própria natureza moral. Ele é padrão para si mesmo. Não há nenhum meio de se aferir a santidade, senão aceitando o que Ele próprio diz de si. As Escrituras Sagradas são o único registro da revelação de Deus que nos revela algo de Sua natureza moral, pois as Suas leis revelam quem Ele moralmente é. As Escrituras refletem a mente de Deus, isto é, o que Ele pensa e como Ele quer que os seres humanos pensem e ajam.

A moralidade de Deus está intimamente vinculada a Sua santidade. Este é o padrão moral de Suas manifestações éticas. O que Deus ordena ou proíbe constitui e revela a Sua santidade. Não existe santidade à parte de Deus. A Sua natureza é o padrão aferidor de santidade. A noção perfeita do que é certo e do que é errado advém do nosso conhecimento da natureza de Deus. Se quisermos saber o que santidade significa é só olharmos para Deus. Contudo, essa noção de Sua santidade só é mostrada no Livro Santo, que é a revelação de Deus.

2. MANIFESTAÇÕES DA SANTIDADE DE DEUS

A santidade moral de Deus está revelada de várias maneiras nas Escrituras.

Ela pode ser vista nas Suas obras, nas Suas leis e na redenção do pecador.

a. NAS SUAS OBRAS

Deus fez todas as coisas boas, inclusive o homem. Deus fez todos os seres racionais santos:

- Os anjos foram criados originalmente santos, mas Eles não guardaram o Seu estado original (Jd 6);
- Deus fez o homem santo, isto é, num estado de plena retidão, mas Ele se meteu em muitas astúcias (Ec 7.29).

As Suas criaturas racionais deveriam refletir perfeitamente quem o Criador era, pela natureza com que foram criadas, mas elas pecaram contra o Criador.

O pecado delas não procedeu da Sua "fabricação", mas porque elas não levaram Deus a sério quando Ele lhes deu leis. Deus é santo em todas as Suas obras.

Nada que vem dEle é imperfeito, porque Ele é justo e reto (Dt 32.4).

b. NAS SUAS LEIS

A santidade de Deus pode ser vista no reflexo de Sua natureza que é a Sua lei.

Paulo diz que a lei de Deus é santa (Rm 7.12) e Davi diz que ela é "puríssima" (Sl 19.8). Essas duas palavras refletem o caráter do santo Legislador. As Suas leis refletem Sua santidade. Elas são nascidas nas profundezas da Sua santa natureza, e adaptadas à natureza original do homem.

Originalmente, as leis de Deus, aquelas que Ele deu no Jardim do Éden e as que Ele imprimiu no coração do homem, combinavam perfeitamente com o modo como Deus o havia feito.

Todos os estatutos de Deus são santos e revelam Sua natureza (Dt 4.8; Sl 19.10).

Deus revela a Sua santidade nas duas expressões da Lei:

Lei Moral - Esta lei é a melhor e a mais clara demonstração do caráter santo de Deus.

Ela proíbe o pecado em todas as manifestações, seja nas Suas manifestações mais grosseiras como nas mais refinadas, porque ela é uma lei santa, com vários adjetivos: perfeita, boa, justa, pura, limpa, etc. (Rm 7.12; Sl 19.8, 9).

Os mandamentos de Deus são freqüentemente chamados "juízos" porque Eles corretamente julgam o que é bom e o que é mau.

A finalidade da lei santa não é simplesmente mostrar que os homens são pecadores, mas também levá-los para mais perto da santidade de Deus.

Todavia, por causa da natureza pecaminosa do homem, a lei, ao invés de aperfeiçoá-lo, cria nEle um senso de desespero, pela impotência que o pecado lhe causou.

É importante observar que a santidade majestosa de Deus pode ser vista na primeira tábua, enquanto a santidade ética pode ser vista na segunda tábua da lei.

Contudo, é necessário observar que essa lei moral não se revela somente nos Dez Mandamentos do Antigo Testamento, mas também nas páginas do Novo Testamento.

Cristo, no Sermão do Monte, interpreta e espiritualiza os dez mandamentos.

Essa lei divina que atravessa toda a Escritura é a mais alta expressão revelada de Sua santidade, pois expressa exatamente quem Ele é.

Lei Cerimonial - A santidade de Deus também aparece na lei cerimonial, quando Ele ordena os sacrifícios pelos pecados, mostrando a Sua indignação contra Eles através da exigência de derramamento de sangue.

Os julgamentos de Deus são derivados de Sua santidade.

A morte dos cordeiros apontava para a natureza pura e santa de um Deus cheio de ira.

É bom ter em mente que a ira e o julgamento são correlatos da santidade.

Estes dois últimos seriam sem sentido sem a santidade de Deus.

As outras cerimônias não sangrentas, como lavagens e purificações, também apontam para a Sua santidade.

As ordenanças relacionadas com comidas imundas também refletem o Seu gosto por coisas limpas, que combinam com a Sua santidade.

c. NA REDENÇÃO

O desprazer de Deus com o pecado tem a Sua evidência mais vívida na morte de Jesus na cruz! Aqui a Sua santidade se torna absolutamente clara.

Nem todos os cálices dos julgamentos que têm sido ou serão derramados sobre o mundo ímpio, nem a ardente fornalha da consciência do pecador, nem a irreversível sentença pronunciada contra os demônios rebeldes, nem os gemidos das criaturas condenadas no inferno, dão demonstração do ódio de Deus contra o pecado, como a Sua ira que foi derramada sobre Seu Filho na cruz.

O grito agonizante de Cristo na cruz - "Deus meu, Deus meu (não "meu Pai. meu Pai"), por que me desamparaste?" (Mt 27.46) - mostra a maior manifestação do desagrado de Deus com o pecado. Não há forma de punir o pecado sem punir o homem.

Contudo, Deus não está debaixo da necessidade de punir o pecador pessoalmente.

Jesus, sendo enviado ao mundo, foi a única maneira de Deus punir o pecado, punindo o representante, para redimir o pecador.

Gálatas 3:13 - mostra que Jesus foi amaldiçoado de Deus por causa dos nossos pecados. Isso é a maior prova da santidade de Deus que se opõe e castiga o pecado.

Isaías 53:1 - mostra que Deus moeu o homem de dores para satisfazer a justiça que a Sua santidade exigia.

Deus ama tudo o que está de conformidade com a Sua lei, e odeia tudo o que é contra ela (Pv 15.26). Deus é necessariamente santo e não pode permitir que o homem fique sem a penalidade. Deus tem perdoado o pecador, mas jamais deixado de punir o pecado. Para que o pecador seja perdoado, Outro teve que tomar o lugar do pecador, pagando o preço do pecado, porque "sem derramamento de sangue não há remissão" (Hb 9.22).

É lamentável que a doutrina da santidade de Deus não seja enfatizada nas igrejas de hoje. Os ímpios não possuem qualquer ideia do que a santidade de Deus significa, mas isto não é

admissível entre os filhos de Deus. Porque os crentes a ignoram, possuem um conceito errôneo sobre o Deus em que crêem. Todos precisam ter a ideia de um Deus amoroso, mas que nunca deixou de ser vingador. Essas duas "facetas" de Deus não se excluem. Ao contrário, elas se tornam evidentes no sacrifício de Jesus Cristo, que foi a única forma de as duas coisas ser mostradas ao mesmo tempo.

3. DIFERENÇA DE SANTIDADE EM DEUS E NOS HOMENS

Em Deus a santidade é uma qualidade essencial; nos homens é uma qualidade adquirida e derivada. Se Deus não for santo, Ele não pode continuar sendo o que é; mas ela não é necessária na criatura. Esta pode continuar sendo o que é sem que possua santidade.

Em Deus a santidade é uma qualidade imutável, porque é parte da Sua substância, não pode ser separada dEle; na criatura a santidade é uma qualidade mutável, porque aquela pode não ser santa e continuar a ser o que é. Deus criou o homem santo e, no entanto, Ele deixou de ser santo. A santidade é uma qualidade separável dos homens.

Se a santidade dos homens fosse imutável Adão não teria pecado.

Em Deus a santidade é infinita; no homem é finita. Deus é santo por excelência porque a Sua santidade está vinculada a outros atributos Seus que Lhe são essenciais. Deus não muda; é absolutamente verdadeiro; é puríssimo em Seu amor, etc. A santidade no homem é finita porque é derivada. Quando a redenção for concluída Ele permanecerá santo por uma obra da graça nEle efetuada, não porque terá adquirido uma capacidade divina.

Ele continuará a ser finito, mesmo depois da redenção final.

Portanto, finitas também serão as suas qualificações adquiridas.

4. A AÇÃO DA SANTIDADE DE DEUS

a. A SANTIDADE DE DEUS DETERMINARÁ o CONCEITO DE EVANGELIZAÇÃO

Costumeiramente a igreja encontra base para a Sua tarefa evangelística no entendimento da necessidade humana. Não é errado verificar a necessidade dos pecadores de serem salvos. Não podemos desprezar essa ideia. Contudo, não é esta a ênfase primordial das Escrituras nem é a razão última de nossa tarefa evangelística. A causa última está na santidade de Deus que não pode trazer os pecadores para si sem a tarefa da redenção trazida por Cristo Jesus. A santidade de Deus exige que os pecadores sejam punidos, porque a justiça de Deus tem que ser satisfeita. Contudo, na evangelização anunciamos que o pecador por quem Cristo morreu já tem as Suas culpas pagas por Ele.

A santidade de Deus exige que o pecador seja punido pessoal ou representativamente.

A santidade de Deus é que exigiu a morte de Jesus Cristo.

E é o amor santo Ele Deus que fez com que Cristo se oferecesse no lugar de pecadores.

No anúncio da redenção, a mensagem de boas-novas é que, aquele que é salvo tem os Seus débitos saldados pelo "fiador" do novo pacto. Portanto, é a santidade de Deus que, em última análise, exige que a mensagem seja proferida nos termos de pecados pagos por

Jesus Cristo. Se a mensagem não contiver esse conteúdo, ela não é "boa-nova", nem vem do Deus santo.

b. A SANTIDADE DE DEUS DETERMINARÁ o CONCEITO DE ADORAÇÃO

É a santidade de Deus que regula e conduz a nossa adoração. Porque as pessoas perderam o verdadeiro conceito da natureza de Deus, é que perderam também o modo correto de se adorar a Deus. As pessoas aproximam-se de Deus sem o senso da Sua santidade nem se preocupam com a santidade própria. O que importa para esses adoradores é que Eles se sintam bem com o que fazem no culto. A Sua vida ética não importa, nem o Deus santo das Escrituras. **Hebreus 10:22**

Porque Deus é santo, a nossa maneira de viver e de prestar culto deve ser conformada à natureza de Deus. O adorador deve ser adaptado ao Adorado.

O gosto do Adorado no culto deve ser respeitado, nunca o inverso, mas não é isso que temos observado.

Deus é santo e majestoso. Não podemos nos aproximar dEle sem o senso devido de plena reverência. O Deus do Antigo Testamento é o mesmo do Novo, portanto, a nossa aproximação dEle deve ser sempre de santo temor.

Hebreus 12:28-29

O contexto dessa citação do autor de Hebreus é o de culto. O termo usado para "sirvamos" deveria ser traduzido como "cultuemos", que significa adoração ou culto.

Portanto, no nosso serviço (culto) a Deus precisamos ter reverência e santo temor.

Esse é o culto que lhe agrada. Para que tenhamos estas posturas na adoração divina é necessário que saibamos a quem estamos adorando.

A perda da reverência e do santo temor é patente nos movimentos modernos de liturgia. Muitos adoradores não têm em Sua adoração o senso de santa reverência por aquEle a quem adoram. O escritor de Hebreus está falando de um culto reverente que devemos prestar a Deus, cheio de santo temor, por causa da natureza do Deus a quem adoramos.

Ele é fogo consumidor.

Estas noções não estão presentes na maioria dos cultos prestados a Deus. As reuniões das inovações litúrgicas são tão cheias de irreverência que perdem em formalidade até para reuniões sociais que as pessoas fazem nas Suas atribuições normais, como cidadãos. Quando as pessoas tratam com as autoridades deste mundo, elas ainda têm certa postura que as diferencia de uma conversa com um seu igual, mas com Deus a conversa é destituída de qualquer cerimônia, reverência ou santo temor.

A falta de temor a Deus é que, em grande medida, explica o baixo padrão de moral, a mundanidade e a carnalidade, a loucura do prazer e a perversão ética, que caracterizam os nossos tempos. A falta de temor a Deus, que tem caracterizado a presente geração de adoradores, tem produzido uma adoração sem qualquer senso de reverência ao Adorado.

A presença da grandeza, da majestade e da santidade de Deus deveria tornar-nos cheios de reverente temor diante dEle. Culto envolve diretamente essa presença.

Portanto, Sua presença deveria ter como resposta o reverente temor.

Salmos 119:120 - É assim que deveríamos nos sentir e nos portar diante dEle na hora de adoração. É o Santo que está entre nós no culto. Mas quando o adorador assume uma atitude de familiaridade, quando Ele fala a Deus como se fosse um Seu igual, sem qualquer senso de admiração e reverência em Sua voz e palavras, nas Suas comunicações com o santo Deus, Ele se torna profano e blasfemo.

Se em nossa adoração o senso de admiração e o de reverência pelo Senhor não estão presentes, não existe uma verdadeira adoração. Esses são Elementos essenciais a ela.

Mas quando Eles estão presentes, então podemos desfrutar o senso da majestosa presença daquEle a quem adoramos.

Portanto, quando você descobrir a profundidade da santidade divina, então você poderá exercitar uma verdadeira adoração.

c. A SANTIDADE DE DEUS TORNARÁ VOCÊ HUMILDE

Se corretamente entendida, a santidade de Deus vai promover a humildade em você, não o orgulho. Lembre-se do exemplo de Pedro, registrado em Lucas 5:5-8. Depois de haver tentado pescar inutilmente a noite toda, Pedro recebeu a ordem de Jesus Cristo para lançar a rede. Pedro duvidou, a princípio, de que iria dar certo, mas acabou dizendo: "sobre a tua palavra lançarei as redes". Qual não foi a surpresa quando Ele tentou içar as redes: Elas estavam cheias, a ponto de se romperem. Quando Pedro percebeu diante de quem realmente estava, teve um senso de humildade e de pequenez. Ele sentiu-se impuro diante da santidade do Redentor. Ele acabou prostrando-se diante dos pés de Jesus e lhe disse: "Senhor, retira-te de mim, porque sou pecador".

O reconhecimento da santidade do Senhor causou em Pedro o senso de redução do Seu "eu". Somente quando contemplou o Santo de Deus naquele momento é que Pedro sentiu Seu próprio tamanho. Ele se viu como era: pequeno e, além disso, pecador. O que aconteceu com Pedro já havia acontecido com Isaías, quando teve a visão da santidade de Deus (Isaías 6). Ali Ele se tornou humilde e reconhecido de Sua própria miséria.

Esta é a sensação que todos os humanos vêm a possuir quando confrontados com a santidade divina.

Quanto mais consciência temos da santidade de Deus, mais humildes e reconhecidos de nossos pecados nos tornamos. Porque temos perdido a noção da santidade de Deus, também perdemos a humildade. É por isso que há tantas pessoas presunçosas e cheias de si no meio do povo chamado "crente": elas não sabem quão pequenas e imundas são porque não sabem quão santo é o Deus em quem professam crer.

5. ILUSTRAÇÕES DA SANTIDADE DE DEUS

a. MOISÉS E A SANTIDADE DE DEUS

Há dois textos no livro de Números mostrando que a não consideração da santidade divina é um grande prejuízo para os homens: Números 20.1-13; 27.12- 14. São passagens que mostram a ira de Moisés contra o povo por causa da Sua reclamação de falta de alimento e água no deserto (Nm 20.3-5). O povo está acampado em Cades (em hebraico, santo). Ali, então, Deus manda que, diante do povo, Moisés "fale à rocha" a fim de que a água brote dela (v. 7). Moisés reuniu o povo, tomou a vara como o Senhor ordenara, mas aconteceu que Ele estava irado com o povo e acabou fazendo bem diferente da ordem do Senhor. Ao invés de "falar à rocha", irado, Ele "feriu a rocha duas vezes com a Sua vara" (v. 11). A água saiu abundantemente da rocha, mas o castigo de Deus veio sobre Moisés, que não puderam entrar na terra da promessa (v. 12).

É muito curioso que, depois da desobediência, Deus diz a Moisés:

"Visto que não crestes em mim, para me santificardes diante dos filhos de Israel..." (v. 12). Bater na rocha foi um ato de desobediência, uma falha por não seguir as instruções de Deus. Essa falha foi considerada por Deus como "incredulidade". Todavia, além de incredulidade, o que Moisés fez foi um ato de irreverência para com a palavra de Deus. Uma irreverência que gerou a incredulidade. A resposta apropriada à santidade de Deus é a reverência para com Ele, e o resultado do temor é a obediência. Contudo, a ira de Moisés para com o povo havia sobrepujado o Seu temor e reverência para com Deus, ao invés de o Seu temor a Deus ter vencido a Sua ira para com o povo no deserto. Moisés deixou de evidenciar a santidade gloriosa de Deus, deixando de tratá-lo como santo que era. Moisés não atribuiu a Deus a glória do milagre que lhe pertencia. Deus não foi glorificado em Sua santidade pelo povo, porque Moisés foi vencido pela Sua própria ira, ao invés de tornar Deus honrado no meio do povo, obedecendo a Sua palavra. Deus, então, levou muito a sério a atitude irreverente de Moisés, e o puniu.

Assim, Deus foi santificado na presença do povo como o Santo de Israel.

Ele se apresentou majestosamente ao Seu povo e mostrou que Ele é santo moralmente, pois pune a desobediência, a incredulidade e a irreverência para com aqueles que desprezam a Sua palavra.

b. UZÁ E A SANTIDADE DE DEUS

O texto de 2 Samuel 6.1-11 é muito chocante, especialmente para a mentalidade de nosso tempo, que rejeita qualquer atitude drástica por causa dos erros dos outros.

A santidade de Deus é evidente nesta passagem no modo como Deus trata aquele que perde a reverência pela Sua santidade, mesmo que com os melhores propósitos.

A arca da aliança havia sido capturada pelos filisteus e, por algum tempo, ela foi guardada como um troféu, pois era a maior peça da religiosidade judaica, visto que a vara de Arão e

um exemplar do maná estavam ali guardados e era o símbolo da presença de Deus no meio do Seu povo.

Após derrotar os filisteus (2 Sm 5.19-25), Davi trouxe a arca de volta para Jerusalém.

Essa arca santíssima ficava escondida no lugar santíssimo, "o santo dos santos" do tabernáculo. Segundo as instruções de Deus, a arca só poderia ser transportada pelos varais colocados nas argolas (ver Êx 25.10-22).

Se alguém olhasse para a arca (quanto mais tocar nela!) morreria (Nm 4.1-20).

Na viagem de volta para Jerusalém, puseram a arca num carro novo de bois e, no meio do caminho, os bois tropeçaram, e Uzá, um dos filhos de Abinadabe que guiavam o carro, botou a mão na arca com medo de que ela caísse (v. 6). Então, a santidade de Deus foi vista quando de Sua ira contra Uzá, pelo fato de Ele ter tocado a arca e isto ter sido considerado um ato de irreverência (v. 6). Então, o Senhor o feriu e ali Ele morreu.

Ele não poderia ter tocado a arca santa do Senhor santo.

Mesmo que isso pareça estranho aos nossos olhos, essa santidade foi exigida por Deus que quer reverência para com as coisas que são santificadas.

Aquele que deveria ser um tempo de grande alegria (e o foi momentaneamente), veio a ser um tempo de tristeza. Eles haviam se esquecido de quão santa era a arca, pois era o lugar onde Deus se mostrava presente no meio do povo.

Ao invés de transportá-la segundo prescrevia a lei (Nm 4.1-20), Eles violaram a lei, e isso foi considerado um pecado contra a santidade de Deus, um ato de pura irreverência.

A primeira reação de Davi foi de desapontamento diante da atitude de Deus com Uzá.

Na opinião de Davi, Deus não poderia ter feito o que fez com Uzá. Afinal de contas, Uzá estava tentando ajudar para que a arca não caísse. Davi havia se esquecido da lei santa de Deus e de quão irado Deus fica quando a Sua santidade é violada. A essa altura, Davi ainda não sabia quão santo era Deus. Foi preciso Deus se manifestar em ira para que Davi entendesse a respeito dessa matéria que poucos de nós entendemos hoje.

A igreja contemporânea tem perdido essa noção da santidade divina. É necessário que voltemos a estudar este assunto, pois há grande urgência da absorção desse conceito na vida do povo de Deus em nosso tempo. A irreverência é um pecado muito sério e perigoso. Mesmo quando os nossos motivos são sinceros, ela não é justificada por Deus, especialmente a irreverência que tem a ver com o culto divino, tão irreverentemente tratado em nossos dias. Precisamos ser lembrados da santidade de Deus e possuir uma reverência que se manifeste em obediência aos Seus preceitos e mandamentos.

O nosso Deus é o mesmo de ontem. Ele não é diferente.

Você já pensou se Ele resolvesse manifestar a Sua ira para conosco por causa de nossos atos de irreverência, especialmente aqueles ligados ao culto do Seu santo Nome?

Este exemplo de Uzá é apenas uma manifestação bem pequena do grande universo da santidade divina. Esse é o atributo mais precioso para Deus porque todos os outros são aferidos por Ele.

Portanto, é de grande importância que a igreja contemporânea dê a devida atenção a essa matéria, a fim de que não sejamos encontrados em falta diante de Deus.

c. ISAÍAS E A SANTIDADE DE DEUS

O texto de Isaías 6.1-10 talvez seja, de todos, o mais ilustrativo da santidade de Deus. Isaías viu seres celestiais proclamando em alta voz a tríplice santidade de Deus, num ambiente extremamente cheio de majestade e glória, o que causou no profeta uma forte reação, acompanhada de um grande senso de pecado. Há, portanto, dois aspectos nesta visão que precisam ser observados: a revelação da dupla santidade de Deus e a reação de Isaías.

c.1. A Revelação da Santidade Majestosa de Deus

A santidade majestosa de Deus é notada na narrativa de Isaías: "No ano da morte do rei Uzias, eu vi o Senhor assentado sobre um alto e sublime trono" (v.1). A ideia de "sublime" é a de exaltação ou Elevação. Era uma cena de glorificação que Isaías contemplava.

O verso 1 mostra a maneira como o pequeno enxergava o grande, o menor ao maior.

Isaías viu o Rei do universo todo glorioso, o que causou nele o senso de absoluta pequenez e miséria.

c.2. A Revelação da Santidade Moral de Deus

A revelação da santidade majestosa também leva ao reconhecimento da santidade moral de Deus. A cena que Isaías viu não somente o levou a contemplar a grandiosidade da realeza de Deus, mas também a perfeição do Seu caráter moral.

Esta é a conclusão a que Isaías chega quando os serafins, numa atitude de reverente conduta, dizem: "Santo, santo, santo é o Senhor dos exércitos".

c.3. A Reação de Isaías Diante da Santidade Majestosa e Moral de Deus

O texto diz, no verso 2, que os serafins possuíam seis asas e que com duas delas Eles cobriam o rosto. Esta atitude dos serafins é uma indicação de que a santidade majestosa de Deus não permitia que mesmo as santas criaturas celestes que cantavam "santo santo santo", pudessem contemplá-lo.

Ora, se seres santos não podiam contemplar a santidade majestosa de Deus, imagine-se o pecador! A visão da santidade divina despertou imediatamente em Isaías uma violenta reação quanto ao Seu comportamento e ao comportamento da Sua nação.

Esta é a santidade majestosa de Deus que desveste o ser humano de todo o Seu orgulho e presunção. Isaías ficou desnudado diante da santidade divina!

Isaías não somente reconheceu a Sua pequenez diante da santidade majestosa de Deus, mas também reconheceu o Seu pecado diante da santidade moral Ele Deus. Então, Isaías confessa humildemente o Seu pecado e é purificado dEle.

A contemplação da santidade de Deus devia causar em nós o senso Ele que somos imundos.

O nosso senso de depravação é determinado pelo nosso senso da santidade Ele Deus. Somente quando nos conscientizamos ela realidade de Deus é que temos consciência de quem somos.

6. APLICAÇÃO

a. PROCURE TER O SENSO DA SANTIDADE DE DEUS

Porque Deus é santo devemos nos aproximar dEle com a máxima reverência (Sl 89.7; 99.5; 2.11; Êx 3.5). É desta forma que os seres celestiais, que são conservados em santidade, se portam diante dEle (Is 6.3). Ora, se os serafins possuíam consciência da santidade divina, imagine a necessidade que nós devemos ter dessa consciência, sendo pecadores.

A única maneira de se possuir o senso de pecado é ter o senso da santidade divina.

Quanto maior o senso da santidade de Deus, mais senso de pecado e, portanto, mais aceitos seremos na Sua presença; quanto maior o senso da santidade de Deus, mais santos seremos em nossos procedimentos.

Porque Deus é santo, devemos nortear nossa vida de acordo com os preceitos dEle. Deus não exige que sejamos onipotentes, oniscientes, eternos, etc., mas Ele ordena na Sua Palavra que sejamos "santos como Ele é" (I Pe 1.16).

Em outras palavras, Deus quer que sejamos pessoas diferentes, distintas das pessoas do mundo, pela maneira de nos portarmos.

Não haveremos de glorificar a Deus tanto por admirá-lo, por apreciá-lo, por reconhecer as Suas perfeições, como por obedecer a Sua Palavra, andando em caminhos de retidão.

Quando você tiver consciência da santidade de Deus, você possuirá um verdadeiro temor de Deus e se protegerá das tentações ao pecado.

Por que muitas pessoas adulteram, ou roubam ou fazem outra coisa qualquer?

Porque elas não possuem o senso da santidade de Deus e, por conseguinte, não possuem uma santa admiração por Deus e um temor dEle.

Quando você tiver consciência da santidade de Deus, você terá um desejo de se parecer com Ele. Então, a imagem de Deus será cada dia renovada dentro de você. Certamente Deus está fazendo isso na vida daqueles a quem Ele ama, porque as Escrituras dizem que "todos nós com o rosto desvendado, contemplando, como por espelho, a glória do Senhor, somos transformados de glória em glória, na Sua própria imagem, como pelo Senhor, o Espírito" (2Co 3.18). Quanto mais conscientes da santidade de Deus, mais desejaremos refletir a santidade de Jesus Cristo.

O oposto também é verdadeiro: quanto mais os homens desconhecem a santidade de Deus, mais vivem em pecado, e menos Eles querem ser como Deus.

b. SAIBA QUE DEUS É o p ADRÃO PARA A NOSSA SANTIDADE MORAL

Isaías entendeu essa verdade de uma maneira muito pessoal.

Ele não tratou dos pecados dos outros, mas de Sua própria pecaminosidade diante da santidade majestosa e moral de Deus. Deus foi a medida da consciência moral de Isaías.

Todavia, esta grande verdade que Isaías compreendeu no Seu tempo, os homens de nossa geração têm esquecido. Vivemos num tempo quando a noção de paradigma moral está se perdendo no meio de uma sociedade que, eticamente, se desmorona. Isso acontece por causa da falta de um padrão fixo ou uma verdade objetiva. Tudo em questões éticas e morais é relativizado e subjetivado em nossos dias. A verdade é uma questão de opinião pessoal, sem que haja um paradigma externo e fixo. Contudo, o cristão tem que tornar atitude totalmente diferente da sociedade presente. Para o cristão, Deus é o padrão de verdade absoluta e indiscutível também no que se refere à vida ético-moral.

Deus não tolera a relativização da verdade.

Somente Deus, através de Sua Palavra, é o aferidor daquilo que é santo.

c. SEJA SANTO COMO DEUS

Veja o que Deus diz a respeito da Sua necessidade de ser santo: **1 Pedro 1:15-16 Segundo é santo aquEle que vos chamou, tornai-vos santos também vós mesmos em todo o vosso procedimento, porque escrito está: Sede santos, porque eu sou santo".**

Esta é uma ordenação divina, não é uma opção que você tem. Contudo, a ordem não é para que você seja essencialmente como Deus, pois isso é absolutamente impossível. A ordem é para que você reflita o Deus que o criou de acordo com a natureza que Ele lhe deu.

Deus quer que você reflita ética e moralmente as Suas leis, o Seu caráter e faça as coisas como Ele faria se estivesse no Seu lugar. É uma necessidade a santidade no cristão.

E a única maneira de ser santo é andar nos passos da fonte da santidade porque "a si mesmo se purifica todo o que nEle tem esta esperança, assim como Ele é puro" (I Jo 3.3).

Como filho amado de Deus, você tem que andar nas pegadas dEle.

Você é chamado para ser imitador dEle. É nesse sentido que você tem que ser santo.

O modo que você tem para segui-lo é obedecer as Suas leis santas.

"Somos conformados à Sua santidade quando nos regulamos por Sua lei, que é a transcrição da Sua santidade: não o imitamos quando fazemos simplesmente algo que se conforma à Sua santa lei, mas quando o fazemos por respeito à pureza do Legislador."

A nossa preocupação ao fazermos a vontade de Deus deve ocorrer por causa da própria natureza de Deus. Há muitas pessoas que fazem coisas boas, que são dignas de louvor, mas elas não possuem qualquer apreciação pelo Deus que criou as santas leis.

Ser imitador de Deus é fazer as coisas certas por causa do santo legislador.

Portanto, seja santo porque isso é o que Ele quer que você seja.

Seja-o por causa dEle.